

A primeira verdade inconveniente¹

The prime inconvenient truth

La primera verdad inconveniente

Michel Odent²

RESUMO

Adotando uma perspectiva fisiológica para analisar a evolução da humanidade desde os primórdios até o presente, o autor identifica a espécie “*Homo superpredador*” como a prevalente na atualidade, que apresenta grande potencial de agressão e dificuldade para a convivência. Na medida que as estratégias básicas de sobrevivência dos grupamentos humanos são a dominação da natureza e a de outros grupamentos humanos, as sociedades bem sucedidas são as que transmitiram de geração em geração crenças e rituais que amplificam o potencial de agressão e moderam a capacidade de amar. Considerando os aspectos emergentes de expressão gênica e períodos críticos para a interação gênica com o meio ambiente, ele consegue associar as características do *Homo superpredador* com a forma pela qual os bebês nascem. Numa época em que é vital refletir em termos de sobrevivência da humanidade, mais que na de grupamentos específicos, ele pondera se seria utópico induzir deliberada e conscientemente o advento do *Homo Ecologicus* como uma nova variedade da espécie humana, através de um possível processo de modulação epigenética. Tal objetivo implica num questionamento: Seria a fisiologia moderna suficientemente poderosa para redescobrir as necessidades básicas da mulher em trabalho de parto e de seu bebê, apesar de séculos de socialização do parto e nascimento e do condicionamento cultural profundamente enraizado?

PALAVRAS-CHAVE: Biologia. Evolução. Sociedade.

1 Publicado originalmente em Primal Health Research. A New Era in Health Research, vol. 17, n° 4, Boletim eletrônico produzido pelo Primal Health Research Centre. Traduzido por Raquel Capucci e revisado por Daphne Rattner.

2 Médico Obstetra, Conferencista internacional, autor of 12 livros traduzidos para into 22 languages. Presidente do Primal Health Research Centre.

E-mail: michelodent@googlemail.com

ABSTRACT

Adopting a physiological perspective to analyze the evolution of Humankind, the author identifies “*Homo superpredator*” as the prevalent variety of *Homo sapiens* in current times, with great potential for aggression and difficulties to have a pacific convivality. As long as the basic strategies for survival of human groups are to dominate nature and to dominate other human groups, successful societies are those transmitting from generation to generation beliefs and rituals that amplify the potential for aggression and moderate the capacity to love. Taking into account the emerging concepts of gene expression and critical periods for gene environment interaction, he is in a position to associate the characteristics of “*Homo superpredator*” to the way babies are born. At a time when it is vital to think in terms of survival of humanity rather than survival of particular human groups, he is wondering if it is utopian to deliberately and consciously induce the advent of “*Homo Ecologicus*”, as another variety of Homo, through what would be a process of epigenetic modulation. Such an objective implies a question: “Is modern physiology powerful enough to rediscover the basic needs of laboring women and newborn babies, in spite of thousands of years of socialization of childbirth and deep rooted cultural conditioning?”

KEY-WORDS: Biology. Evolution. Society.

RESUMEN

A partir de una perspectiva fisiológica para analizar la evolución de la humanidad desde los inicios hasta los días actuales, el autor identifica la especie “*Homo superpredador*” como prevalente en la actualidad, que presenta gran potencial de agresión y dificultad para la convivencia. A medida que las estrategias básicas de sobrevivencia de los grupos humanos son la dominación de la naturaleza y de otros grupos humanos, las sociedades exitosas son las que transmitirán de generación en generación

creencias y rituales que amplifican el potencial de agresión y moderan la capacidad de amar. Considerando los aspectos emergentes de expresión génica y períodos críticos para la interacción génica con el medio ambiente, el autor consigue asociar las características del *Homo superpredador* con la forma por el cual los bebés nacen. En una época en que es vital reflexionar sobre la sobrevivencia de la humanidad, mas que en la de grupos específicos, el autor pondera se sería utópico inducir deliberada y conscientemente la llegada del *Homo Ecologicus* como una nueva variedad de especie humana, a través de un proceso posible de modulación epigenética. Este objetivo implica en un cuestionamiento: Será la fisiología moderna suficientemente poderosa para redescubrir las necesidades básicas de la mujer en el trabajo de parto y de su bebé, a pesar de siglos de socialización del parto y nacimiento y del condicionamiento cultural profundamente arraigado?

PALABRAS-CLAVE: Biología. Evolución. Sociedad.

Introdução

A humanidade terá que encarar uma grande diversidade de “verdades inconvenientes”. Al Gore, a cúpula de Copenhagen e o conceito de ‘economia de baixo carbono’ têm colocado uma delas – a mudança climática – em pauta. Outras verdades inconvenientes relacionadas incluem a economia insustentável, a superpopulação global, a diminuição da camada de ozônio, a profanação da cadeia alimentar marinha, a crise da biodiversidade, as armas de destruição em massa e o aumento repentino e impressionante da incidência de várias doenças. Nós qualificaremos todas essas verdades inconvenientes logo após abordar quem é o responsável pelos dilemas de hoje. O “*Homo superpredador*”— o tipo de *Homo* que está atualmente dominando todas as criaturas do planeta Terra — é dotado de um enorme potencial de *agressão* e é, sem dúvida, responsável por várias ameaças que nossas espécies confrontarão durante o terceiro milênio: essa é a Primeira Verdade Inconveniente.

A Gênese do *Homo superpredador*

Questões básicas envolvem a gênese dos principais traços do *Homo superpredador*. Fatores genéticos são provavelmente

importantes, levando em conta que o potencial para a agressão de nosso parente próximo, o *Pan troglodites* (o chimpanzé comum) é largamente documentado: esses primos praticam a guerra e o estupro; foi observado que humanos e chimpanzés são as únicas espécies que matam seus iguais deliberadamente. Entretanto, de uma perspectiva prática, e de forma a preparar uma mudança hipotética em direção a uma humanidade renovada, capaz de viver pacificamente e de forma sustentável, devemos considerar possíveis fatores epigenéticos que reforcem esses traços humanos.

Para investigar tais fatores epigenéticos, vamos nos referir ao ponto de mutação, quando nossos ancestrais começaram a domesticar criaturas vivas. Em seguida, os grupos humanos adaptaram suas estratégias de sobrevivência através da agricultura e a agronomia. A construção de aldeias e cidades adicionou uma nova dimensão ao conceito de território, trazendo razões adicionais para os conflitos econômicos e territoriais. A partir daquela época, a estratégia para sobrevivência dos grupos humanos tem sido baseada na dominação da Natureza e na dominação— até mesmo a eliminação—de outros grupos humanos. Podemos entender facilmente que por milhares de anos grupos humanos bem-sucedidos foram aqueles que transmitiram de geração em geração crenças e rituais que amplificaram o potencial humano de agressão. A dominação da Natureza e de outros grupos humanos implica na capacidade de destruir a vida e, dessa forma, influencia no desenvolvimento da capacidade de amar.

Em 2010, temos alguma ideia sobre a conjunção de fatores ambientais que podem ter influenciado o desenvolvimento dos principais traços do *Homo superpredador*. Numa época em que conceitos como expressão genética, silenciamento genético e modulação epigenética estão se tornando familiares na literatura científica, aprendemos a formular novas questões a respeito da gênese de condições patológicas e traços de personalidade. No passado, as principais questões buscavam associação com fatores referentes à genética e fatores ambientais, e a identificação dos genes envolvidos. Hoje devemos pensar em termos de *timing*.

Uma das funções do Banco de Dados do

Centro de Pesquisa em Saúde Primal (*Primal Health Research Database*) é identificar o período crítico para a interação entre genética e ambiente em relação aos traços de personalidade e estados de saúde. Uma visão global do banco de dados sugere que, em relação à gênese dos traços metabólicos, os períodos críticos significativos são durante a vida fetal, enquanto o período que envolve o nascimento parece ser crítico para a capacidade de amar e para o potencial de agressão. Sendo assim, uma exploração do banco de dados por meio de palavras-chave indicando tipos metabólicos (tais como obesidade, diabetes tipo 2, resistência à insulina, ou doença cardíaca coronária) levam a estudos que detectam fatores de risco presentes na sua maioria durante a vida fetal, enquanto palavras-chave relacionadas a alterações na capacidade de amar (incluindo amor para consigo mesmo) levam a estudos detectando fatores de risco em sua maioria durante o período perinatal. É o caso de palavras tais como criminalidade, autismo, suicídio, drogadição e anorexia nervosa.

Podemos, dessa forma, presumir que em sociedades nas quais o desenvolvimento do potencial para agressão é vital, este se dá por meio de crenças e rituais perinatais nos quais o ambiente cultural pode efetivamente interferir—exatamente o que todos os ambientes culturais têm feito por milhares de anos. Eles amplificaram as dificuldades no nascimento humano; desafiaram o instinto materno protetor agressivo, separando a mulher de seu bebê recém-nascido, e retardaram o início da amamentação. (O instinto maternal protetor agressivo não precisa de definição: apenas deve-se imaginar a agressividade que seria gerada se alguém tentasse separar um filhote recém-nascido de uma mãe chimpanzé).

Seriam necessários vários volumes para revisar todas as formas tradicionais de interferência nos processos psicológicos durante o período perinatal nos mais variados ambientes culturais. Uma visão global das mais difundidas crenças e rituais revela, em particular, as cicatrizes perineais em decorrência dos rituais de mutilação genital, diferentes aspectos da socialização do nascimento, a evolução do papel da obstetrix (parteira), crenças sobre o 'mau' colostro ou sobre a troca perigosa de olhares entre a mãe e o recém-nascido, rituais associados ao corte

premature do cordão umbilical, a permissão que a mãe deve esperar antes de tocar em seu bebê (dada pelo xamã, o padrinho, a parteira, ou o pai, por exemplo). Os efeitos cumulativos de tais crenças e rituais generalizados são um poderoso condicionamento cultural de que uma mulher é incapaz de dar à luz sem a ajuda de médicos ou assistentes do parto, que trazem conhecimento e energia, e que o recém-nascido precisa urgentemente de cuidados providos por outra pessoa que não seja sua mãe.

De Homo superpredador a Homo ecologicus

Essas considerações sobre a gênese dos principais traços do *Homo Superpredador* assumem proeminente importância num ponto de mudança na história da espécie humana, quando nos damos conta de que é a saúde do planeta e a sobrevivência das espécies que agora estão em jogo. Estamos aprendendo que há limites para a dominação da Natureza. A necessidade de criar maior unidade da aldeia planetária é cada vez mais aceita. Devemos questionar como o respeito pela Mãe Terra, como uma faceta do amor, pode se desenvolver. Em outras palavras, entendemos que a humanidade deve inventar radicalmente novas estratégias para sua sobrevivência. Isso implica numa evolução do *Homo Superpredador* para um ser humano que poderemos chamar de *Homo Ecologicus*.

Devemos primeiro, de maneira concisa, clarificar a natureza do atual ponto de mudança da história da humanidade. Enquanto por milhares de anos possa ter sido uma vantagem para a sobrevivência dos grupos humanos desenvolver o potencial de agressão, hoje se faz imperativo, para a sobrevivência das espécies, desenvolver a capacidade de amar. Referindo-nos ao nosso parente próximo, o chimpanzé, sugerimos que fatores genéticos podem explicar nosso potencial de agressividade. Da mesma forma, referindo-nos a nosso parente ainda mais próximo, o bonobo (o bonobo, ou *Pan paniscus*, separado ou derivado recentemente do chimpanzé comum), podemos presumir que nossa capacidade óbvia de amar também tem forte base genética: o altruísmo e compaixão dos bonobos são amplamente documentados, e não foi confirmada nenhuma agressividade letal na vida selvagem ou em cativeiro, nem nenhum relato de machos forçando a cópula,

agredindo fêmeas adultas, ou matando filhotes.

Seria este programa utópico?

No contexto científico atual, é teoricamente plausível explorar o conceito de períodos críticos de desenvolvimento e programar uma evolução do *Homo Superpredador* compatível com a sobrevivência das espécies. Primeiro, deveria haver estudos científicos, de uma perspectiva psicológica, sobre as necessidades básicas da parturiente. Em segundo lugar, teríamos de compilar os dados científicos adquiridos, para divulgar uma longa história de crenças e rituais que estão perdendo suas vantagens evolutivas, e abandonar a correção política.

Uma importante descoberta da segunda metade do século vinte oferece um exemplo eloqüente do poder das disciplinas científicas modernas para desafiar aspectos enraizados do condicionamento cultural. Foi necessário esperar até os anos 1970 para se descobrir que um bebê humano recém-nascido precisa de sua mãe! Quando eu era estudante de medicina em uma maternidade, em 1953, nunca ouvi uma mãe pedir para segurar seu bebê recém-nascido em seus braços, pois naquela época todo mundo “sabia” que um recém-nascido rotineiramente precisa de ‘cuidados’ de um terceiro. De repente, houve ensaios clínicos randomizados a respeito dos efeitos do contato pele-a-pele imediatamente após o nascimento. Tais estudos foram inspirados pelo conceito de um período crítico para o vínculo mãe bebê apresentado por etólogos estudando outros mamíferos. Ao mesmo tempo, houve uma nova geração de pesquisas a respeito dos efeitos sobre o comportamento da flutuação de hormônios durante o período perinatal. Houve também mais estudos sobre a composição do colostro inicial, a expressão precoce dos reflexos básicos e a capacidade que o recém-nascido tem de encontrar o seio na hora subsequente ao nascimento. A partir de uma perspectiva imunológica, aprendemos que as IgG (Imunoglobulinas G) perpassam facilmente a placenta humana, de forma que os micróbios familiares à mãe são também familiares ao recém-nascido livre de germes. Tal descoberta levou à conclusão que, de uma perspectiva bacteriológica, os germes transmitidos pela mãe deveriam ser os primeiros a colonizar o corpo do bebê. Podemos considerar hoje que,

graças ao rápido desenvolvimento de várias disciplinas científicas, as necessidades básicas do neonato humano foram descobertas no século vinte.

Desde que tais importantes descobertas científicas a respeito das necessidades básicas do recém-nascido foram possíveis, ousamos proclamar que agora a descoberta das necessidades básicas da parturiente não é uma utopia — a despeito das dificuldades. Antecipamos que os estudos abrangentes inspirados pelos conceitos psicológicos tais como o antagonismo catecolamina-ocitocina e a inibição do neocórtex vão abrir frutíferas avenidas para a pesquisa. Esperamos mais estudos sobre como os fatores ambientais influenciam a liberação da ocitocina – o ‘hormônio tímido’.

Antecipamos que o passo mais difícil será compilar o conhecimento científico e fazê-lo culturalmente aceitável. Os obstáculos a respeito das necessidades básicas do recém-nascido já são óbvios. A aceitação intelectual de que um recém-nascido precisa de sua mãe tem algumas implicações práticas visíveis: por exemplo, tornou familiar o conceito de alojamento conjunto, seguido pelo conceito do contato pele-a-pele (*kangaroo care*, no Brasil mãe-cangurú). Entretanto, os dados científicos não foram facilmente recebidos pelo ambiente cultural. Enquanto os cientistas olhavam para a interação mãe-bebê, o ambiente cultural traduziu as descobertas proclamando que o recém-nascido precisa imediatamente de seus pais. De repente, a doutrina da participação do pai no nascimento foi estabelecida. É como se uma interação entre a mãe e o neonato sem interferência cultural não fosse aceitável. Foi dessa forma que pulamos de uma geração de médicos e enfermeiras, que não tinham nenhuma ideia do que seria a interação mãe-bebê, para uma geração familiarizada com um novo aspecto da socialização do parto e nascimento, mas que não tem a menor ideia de como um nascimento pode se dar quando não há ninguém para auxiliar a parturiente a não ser uma experiente, madura, silenciosa e introvertida parteira.

Obstáculos similares vão provavelmente retardar um entendimento claro das necessidades básicas da parturiente. Os efeitos de um condicionamento de milhares de anos

a respeito do parto socializado têm sido reforçados durante as últimas duas décadas por uma acumulação de mensagens visuais. Houve uma verdadeira epidemia de vídeos do tão falado parto natural. O poder de tais mensagens visuais é enorme em termos de condicionamento cultural. Na maioria dos casos, a parturiente é mostrada cercada por duas ou três pessoas (incluindo um homem), assistindo-lhe (e, claro, há uma câmera). Esses partos são apresentados como ‘naturais’ porque a cena ocorre em casa, ou porque a mãe está sobre suas mãos e joelhos, ou por estar numa banheira. Mas o ambiente não é natural. A mensagem transmitida por essas imagens poderosas e o vocabulário atual é: ‘não se pode dar à luz sem a participação de pessoas que trazem seu conhecimento (instrução, gerenciamento etc.) ou sua energia (suporte etc.)’. Podemos superar tal poderoso condicionamento cultural?

Uma interface entre conhecimento e consciência

Num momento em que a pesquisa científica está se desenvolvendo a uma velocidade sem precedentes, todas as questões relacionadas à sobrevivência da nossa espécie inspiram questionamentos a respeito da capacidade humana de compilar o conhecimento científico. Em outras palavras, explorar a constante interface entre conhecimento e consciência está se tornando mais crucial do que nunca.

O conhecimento científico pode induzir e estimular uma nova consciência. A descoberta de que o recém-nascido precisa de sua mãe é um exemplo típico de como dados científicos estão na base de uma nova consciência. Por outro lado, uma nova consciência pode preceder o conhecimento científico ou pode ajudar a avaliar a importância dos dados científicos. Ademais, muita informação provida por uma disciplina muito especializada pode ser um obstáculo para uma nova consciência. Um bom exemplo disso é o grande número de obstetras mulheres que, de acordo com pesquisas britânicas e americanas, planejam uma cesariana para o nascimento de seus próprios filhos e consideram esta operação como uma forma rotineira de dar à luz. Sua atitude é compreensível, pois são altamente especializadas e apenas têm em mente os resultados dos incontáveis ensaios randomizados controlados sugerindo que, de

acordo com o critério rotineiramente adotado na pesquisa médica para avaliar a prática dos obstetras, a cesariana é uma opção fácil e segura. Outras mulheres, que não são influenciadas pelo mesmo tipo de informação, alcançaram um grau mais avançado de consciência e consideram a incisão abdominal inaceitável como primeira opção. A consciência pode ser induzida pelo conhecimento intuitivo (“senso”), precedendo os efeitos dos dados científicos.

A importância de ser bilíngue

Ao redor do mundo, há núcleos de pessoas *avant-garde* que tem a capacidade especial de alcançar uma nova consciência à frente dos outros. Seu dever é ajudar, iniciando e espalhando a nova consciência. Como elas tentam transmitir apenas seu conhecimento – pois falam somente a ‘linguagem do coração’ – são ineficazes. Para serem influentes, precisam racionalizar seu ‘pressentimento’. Precisam treinar a si mesmas para serem ‘bilíngues’ – o mesmo que dizer que precisam aprender a combinar a ‘linguagem do coração’, a transmissão do conhecimento intuitivo, com a linguagem científica. Está se tornando cada vez mais fácil combinar essas duas linguagens.

Para ilustrar a necessidade de ser bilíngue, deixem-me começar com o exemplo daqueles que consideram a cesariana como a forma preferida de se ter um bebê. Como ajudá-los a alcançar outro grau de consciência? É fácil explicar, no contexto científico atual, que para dar à luz a seus bebês e placentas todos os mamíferos – incluindo os humanos – devem liberar um “coquetel de hormônios do amor”. É também fácil de lembrar que, até recentemente – apesar da interferência cultural – uma mulher podia ter um bebê apenas fiando-se na liberação de tal fluxo hormonal. Sem apresentar estatísticas sofisticadas, podemos tornar facilmente óbvio que, em um nível planetário, o número de mulheres que dão à luz a bebês e placentas graças à liberação do fluxo hormonal é aproximadamente zero, pois muitas das mulheres que ainda dão à luz por via vaginal precisam de substitutos farmacológicos que bloqueiam a liberação dos hormônios naturais, e portanto não estão sujeitas a seus efeitos comportamentais. Essa é uma forma simples de explicar que a história do nascimento está chegando a um ponto de mudança; é uma

forma simples de sugerir que os hormônios do amor estão se tornando inúteis no período crítico que envolve o nascimento; é uma forma simples de inspirar questões em termos de civilização; é uma forma simples de clarificar quais devem ser nossos objetivos. Nosso objetivo não deveria ser eliminar a cesariana, que é uma maravilhosa cirurgia de emergência. Nosso objetivo deve ser criar condições para que o maior número possível de mulheres dê à luz a bebês e placentas com liberação de seus hormônios naturais. Esse objetivo será realista apenas no dia em que as necessidades básicas das parturientes forem bem entendidas. Todos aqueles, seja qual for seu fundamento, que entendem que o altamente inteligente *Homo superpredador* é capaz de fazer os hormônios do amor inúteis, perguntarão o que acontecerá à nossa civilização em algumas gerações se continuarmos na mesma direção.

Na verdade, a linguagem científica nos ajuda a perceber e racionalizar a necessidade de alcançar uma dimensão coletiva. Para isso, não podemos usar modelos animais. Entre os mamíferos não-humanos, os efeitos da perturbação do processo de nascimento são espetaculares e imediatos em um nível individual: em geral, a mãe se desinteressa por seu bebê. Entre os humanos, estudos em longo prazo com números enormes serão necessários para detectar efeitos significativos. Isso se torna óbvio ao explorar o Banco de Dados do Centro de Pesquisa em Saúde Primal. Por exemplo, um estudo a respeito de toda a população feminina suíça, nascida num período de dez anos, foi necessário para demonstrar que partos de fórceps e por vácuo extrator (ventosa) são fatores de riscos estatisticamente significativos para o desenvolvimento de anorexia nervosa mais tarde durante a vida; da mesma forma, a inclusão de mais de 50.000 sujeitos do sexo masculino, nascidos em Jerusalém durante um período de oito anos, foi necessária para demonstrar que o escore médio de inteligência era significativamente mais alto dentre aqueles nascidos de fórceps ou ventosa. Precisamos urgentemente desse ramo em desenvolvimento da epidemiologia, chamado Pesquisa em Saúde Primal, para treinar-nos a ampliar nossos horizontes para a mudança necessária em direção ao *Homo ecologicus*.

Poderemos modificar, deliberadamente e conscientemente, os traços dominantes do

Homo superpredador através do que seria um processo de modulação epigenética? Poderemos sonhar com tal passo crucial na história da humanidade?

Artigo apresentado em 13/07/2010

Aprovado em 30/08/2010

Traduzido em 15/10/2010